

CRISE

Moeda norte-americana sobe 0,61% em pleno feriadão na Argentina e em São Paulo. Pesquisa mostra que brasileiros estão mais pessimistas com a economia

Nem feriado pára dólar

Da Redação
Com Monica Yanakiew
Especial para o **Correio**

149

Mesmo com o mercado parado ontem, por causa dos feriados em São Paulo — maior centro econômico do país — e na Argentina, o dólar manteve-se em alta no Brasil. A moeda norte-americana terminou o dia vendida por R\$ 2,45 no câmbio comercial, com valorização de 0,61% em relação a sexta-feira. Nem mesmo uma intervenção do Banco Central, que deve ter vendido US\$ 50 milhões segundo operadores de câmbio, evitou nova queda no valor do real. Na terça-feira da semana passada, o BC vendeu US\$ 110 milhões para conter a escalada da moeda americana.

Os valores das intervenções de quinta, sexta-feira e ontem ainda não foram divulgados. Hoje, os investidores estarão atentos ao que acontecerá na Argentina, onde o governo vai vender títulos públicos para captar dinheiro no mercado e pagar uma dívida de US\$ 850 milhões. Qualquer dificuldade no país vizinho tem interferido no mercado financeiro brasileiro.

Na Argentina, as expectativas não são boas. O governo vai leiloar US\$ 850 milhões em títulos públicos, sem que o ministro da Economia, Domingo Cavallo, tenha conseguido arrancar dos banqueiros taxas baixas de juros. Ele até que negociou ontem, em pleno feriado nacional, mas não conseguiu, porque a Argentina é considerada um negócio de alto risco pelos investidores. Cavallo, em reunião com banqueiros, pediu taxas “patrióticas”, entre 12% e 13%. Entretanto, o mais provável é que a Argentina tenha que pagar mais caro para rolar sua dívida: entre 14% e 15%.

Não foi esse o único fracasso de Cavallo ontem. Os cortes de gastos na burocracia dos órgãos que administram a Previdência Social, ainda em estudo, desagradam ao ex-presidente Raúl Alfonsín e ao deputado Leopoldo Moreau, ambos da União Cívica Radical (UCR), o partido no governo, que deveria apoiar o ministro. Nem os políticos amigos apóiam cortes de gastos. Alfonsín disse que o governo deveria “aumentar os gastos na área social” e Moreau sugeriu, como saída da crise, desvalorizar o peso argentino. Essas dificuldades argentinas podem levar o dólar a se valorizar novamente no Brasil, hoje.

BRASILEIRO PESSIMISTA

Essa situação delicada do país já foi percebida pelos brasileiros. O aumento da taxa de juros, a desvalorização do real e o racionamento de energia fizeram com que a confiança do consumidor na economia caísse 7,1% no segundo trimestre em relação aos três primeiros meses do ano. A queda foi verificada pelo Índice Nacional de Expectativa do Consumidor, apurado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Não se trata de uma queda qualquer. O indicador voltou a apresentar os mesmos patamares registrados no primeiro semestre de 1999, período pós-desvalorização do real, o pior vivido pelo país desde os fracassos dos planos Collor I e II no início dos anos 90.

O medo do desemprego, expectativas em relação à inflação e à renda são indicadores que fazem parte do índice e que mostraram queda. O pior resultado foi verificado na expectativa do consumidor em relação do desemprego. O indicador caiu 18,5% na comparação com o primeiro trimestre do ano. A pesquisa concluiu que, se as intenções dos consumidores forem confirmadas, o nível de consumo da população apresentará queda. A maior parte dos 2.000 entrevistados (74%) reduziu ou pretende reduzir as compras de bens e serviços.

Juan Vargas/AFP



CAVALLO: MINISTRO DA ECONOMIA ARGENTINA TENTA “TAXAS DE JUROS PATRIÓTICAS” EM NEGOCIAÇÃO COM BANQUEIROS

